

*A magia não é uma questão de força, mas de equilíbrio.  
Eis o dilema: com pouco poder, tornamo-nos fracos; com  
demasiado, transformamo-nos noutra coisa completamente  
diferente.*

TIEREN SERENSE,  
Sumo Sacerdote do Santuário de Londres

# I



Kell vestia um casaco muito peculiar.

Não tinha um lado, o que seria convencional, nem dois, o que seria inesperado, mas *vários*, o que era, naturalmente, impossível.

Ao passar de uma Londres para outra, a primeira coisa que fazia era tirar o casaco e virá-lo uma, duas (ou até três) vezes até encontrar o lado de que precisava. Nem *todos* eles eram elegantes, mas cada um servia um propósito. Havia os que se misturavam com o mundo, os que se destacavam e um que não servia nenhum propósito, mas do qual gostava particularmente.

Por isso, quando Kell atravessou a parede do palácio e entrou na antecâmara, parou por uns instantes para se recompor: viajar entre mundos causa algumas mazelas. De seguida, despiu o casaco vermelho de colarinho alto, virou-o do avesso da direita para a esquerda, até que se transformou numa simples jaqueta preta. Bom, uma simples jaqueta preta elegantemente revestida com linha prateada e adornada com duas colunas brilhantes de botões prateados. Lá porque adotara uma paleta mais modesta no estrangeiro (não desejando ofender a realeza local ou chamar muito a atenção), não significava que tivesse de sacrificar o estilo.

*Oh, pelos reis*, pensou Kell enquanto abotoava o casaco. Estava a começar a pensar como Rhy.

Na parede atrás de si, mal conseguia ver o vestígio do símbolo deixado pela sua passagem. Como uma pegada a dissipar-se na areia.

Nunca se preocupara em marcar a porta a partir *deste* lado, simplesmente porque nunca regressava pelo mesmo caminho. A distância entre Windsor e Londres era muitíssimo inconveniente, tendo em conta que, enquanto viajava entre mundos, Kell só conseguia mover-se entre um ponto de um e o *exato* mesmo ponto de outro. O que era um problema porque não havia qualquer Castelo de Windsor a um dia de viagem da Londres *Vermelha*. De facto, Kell tinha acabado de atravessar a parede de pedra de um pátio que pertencia a um cavalheiro abastado de uma vila chamada Disan. Só por si, Disan era um lugar bastante agradável. Windsor, não. Impressionante, sem dúvida. Mas não agradável. Um balcão de mármore estendia-se pela parede e, em cima, como sempre acontecia, encontrava-se uma bacia com água à sua espera. Lavou a mão ensanguentada, bem como a moeda prateada que usara para a passagem, e passou pela cabeça o fio ao qual ela estava presa, guardando-a novamente dentro da gola. No corredor em frente, conseguia ouvir pés a arrastarem-se, o murmúrio de criados e guardas. Escolhera a antecâmara precisamente para os evitar. Sabia muito bem quanto a sua presença ali desagradava ao príncipe regente, e a última coisa que Kell queria era um público, um aglomerado de ouvidos, olhos e bocas que iriam reportar ao soberano os pormenores da sua visita.

Por cima do balcão e da bacia, pendia um espelho numa moldura dourada. Kell examinou rapidamente o seu reflexo. O cabelo, castanho-arruivado, caía-lhe por cima de um olho, mas não o compôs, embora tenha alisado os ombros do casaco antes de transpor umas portas que levavam ao seu anfitrião.

O calor naquele quarto era asfixiante – as janelas estavam trancadas apesar de ser um maravilhoso dia de outubro – e um fogo ardia opressivo na lareira.

George III encontrava-se sentado junto dela, um manto mirrando-lhe o corpo murcho e um tabuleiro com chá intocado diante dos joelhos. Quando Kell entrou, o rei agarrou-se à cadeira.

– Quem vem lá? – perguntou sem se voltar. – Ladrões? Fantasmas?

– Não creio que os fantasmas lhe respondessem, Vossa Majestade – comentou Kell, anunciando-se.

O rei enfermo soltou um sorriso apodrecido.

– Mestre Kell – disse –, tardaste em vir.

– Não mais de um mês – corrigiu, avançando. O rei George cerrou os olhos cegos.

– Foi há mais tempo, tenho a certeza.

– Prometo-vos que não.

– Talvez não para *ti* – comentou o rei. – Mas o tempo não passa da mesma maneira para os loucos e os cegos.

Kell sorriu. O rei estava em boa forma hoje. Nem sempre assim era. Nunca sabia ao certo em que estado o encontraria. Talvez lhe parecesse mais do que um mês porque da última vez que Kell o visitara, o rei estava de mau humor, e Kell mal conseguira acalmar-lhe os nervos o suficiente para lhe entregar a sua mensagem.

– Talvez tenha sido o ano a mudar – continuou o rei. – E não o mês.

– Ah, mas garanto-vos que o ano é o mesmo.

– E que ano é esse?

O sobrolho de Kell franziu-se.

– Mil oitocentos e dezanove – disse.

O rosto do rei George cerrou-se. Depois, limitou-se a abanar a cabeça, dizendo «*O tempo...*», como que se essa única palavra pudesse ter a culpa de tudo.

– Senta-te, senta-te – acrescentou, gesticulando. – Deve haver outra cadeira por aqui, algures.

Não havia. O quarto era escandalosamente espartano, e Kell tinha a certeza de que as portas estavam trancadas por fora e não por dentro.

O rei ergueu uma mão rugosa. Tinham-lhe tirado os anéis, para impedir que se magoasse, e as unhas haviam sido cortadas até ao sabugo.

– A minha carta – pediu e, por um instante, Kell vislumbrou o George de antigamente. Régio.

O visitante apalpou os bolsos e apercebeu-se de que se esquecera de retirar a carta antes da mudança. Despiu o casaco e virou-o até que se transformasse no vermelho, mergulhando a mão nos bolsos para encontrar o envelope. Quando o depositou na mão do rei, ele afagou-o, acariciou o lacre, o emblema do trono vermelho, um cálice com um sol nascente, e levou-o ao nariz, inalando.

– Rosas – suspirou, melancolicamente.

Referia-se à magia. Kell nunca tinha reparado no ligeiro perfume aromático da Londres Vermelha que se lhe colava às roupas, mas, sempre que viajava, alguém acabava por lhe dizer que cheirava a flores recém-colhidas. Alguns afiançavam ser túlipas. Outros, lírios orientais. Crisântemos. Peónias. Para o rei de Inglaterra, eram sempre rosas.

Kell ficava feliz por se tratar de um odor agradável, mesmo que não o conseguisse sentir. Conseguia cheirar a Londres Cinzenta (era fumo) e a Londres Branca (era sangue), mas, para ele, a Londres Vermelha tinha tão-só o aroma a casa.

– Abre-a – instruiu o rei. – Mas não estragues o lacre.

Kell obedeceu e retirou o conteúdo. Pela primeira vez, sentiu-se grato por o rei não conseguir ver, pois, assim, não saberia quão breve a carta era. Três curtas linhas. Uma cortesia feita a um chefe nominal enfermo e nada mais.

– É da minha rainha – explicou Kell.

O rei anuiu.

– Continua – ordenou, o semblante majestoso em conflito com o seu aspeto frágil e voz vacilante. – *Continua*.

Kell engoliu em seco.

– «Cumprimentos a sua Majestade, rei George III» – leu – «, de um trono vizinho.»

A rainha não se lhe referia como trono *vermelho* nem enviava cumprimentos da Londres *Vermelha* (apesar de a cidade ser, de facto, carmesim, graças à luz do rio, rica e penetrante), porque não pensava nela assim. A seu ver, e para qualquer outra pessoa que habitasse apenas uma Londres, existia muito pouca necessidade de as diferenciar. Quando os governantes de uma conversavam com os de outra, limitavam-se a chamá-los *outros*, ou *vizinhos*, ou, em algumas ocasiões (em particular, em relação à Londres Branca), usando termos menos lisonjeiros.

Só quem conseguia mover-se através das várias Londres precisava de uma forma de as identificar. Ora, fora por isso que, inspirado na cidade perdida conhecida por todos como a Londres Negra, Kell dera uma cor a cada capital remanescente.

Cinzento para a cidade sem magia.

Vermelho para o império saudável.

Branco para o mundo faminto.

Na verdade, as cidades em si tinham poucas semelhanças (e os países em volta e mais além, ainda menos). O facto de todas se chamarem *Londres* era um mistério, apesar de a teoria prevalente ser a de que uma das cidades ganhara esse nome há muito tempo, antes de as portas terem sido todas fechadas e só puderem ser trocadas cartas entre reis e rainhas.

Quanto a qual fora a primeira a reclamar o nome para si, ninguém chegava a consenso.

– «Esperamos encontrá-lo de boa saúde» – continuou a carta da rainha – «e que a estação na vossa cidade seja tão amena como a nossa.»

Kell deteve-se. Não havia mais, além de uma assinatura. O rei George torceu as mãos.

– É só isso que diz? – perguntou.

Kell hesitou.

– Não – retorquiu, dobrando a carta. – É apenas o começo.

Aclarou a voz e começou a andar de um lado para o outro enquanto punha as ideias em ordem e lhes dava o tom da rainha.

– Obrigada por perguntar pela nossa família, diz ela. O rei e eu encontramos-nos bem. Já o príncipe Rhy, esse, continua a impressionar-nos e enfurecer-nos em igual medida, mas ao menos passou o mês sem partir o pescoço ou encontrar uma noiva inadequada. Louvado seja Kell por impedi-lo de fazer uma dessas coisas ou ambas.

Kell estava disposto a deixar que a rainha continuasse a elogiar as suas virtudes, mas, nesse instante, o relógio de parede bateu as cinco horas. Praguejou em silêncio. Estava atrasado.

– Até à minha próxima carta – terminou, apressado –, mantenha-se feliz e de boa saúde. Com apreço, A Sua Majestade Emira, rainha de Arnes.

Kell esperou que o rei dissesse algo, mas os seus olhos cegos tinham uma expressão fixa e distante. Receou tê-lo perdido. Colocou a carta dobrada no tabuleiro de chá e já se encontrava a meio caminho da parede quando o rei falou.

– Não tenho uma carta para ela – murmurou.

– Não faz mal – retorquiu Kell delicadamente.

O rei já não era capaz de escrever havia anos. Em alguns meses tentava, arrastando a pena ao acaso sobre o pergaminho; noutros, insistia

que Kell transcrevesse as suas palavras, mas, na maior parte, limitava-se a transmitir-lhe a mensagem, e Kell prometia lembrar-se.

– Sabes, não tive tempo – acrescentou, tentando salvar uma ponta da sua dignidade. Kell concedeu-lhe isso.

– Compreendo – disse. – Transmitirei os vossos cumprimentos à família real.

Fez novamente menção de partir, e uma vez mais o rei o chamou.

– Espera, espera – disse. – Volta.

Kell deteve-se. Os olhos passaram pelo relógio. Era tarde e entardecia a cada segundo. Imaginou o príncipe regente, sentado à mesa em St. James, agarrado à cadeira numa fúria silenciosa. O pensamento levou-lhe um sorriso aos lábios, pelo que voltou a aproximar-se do rei enquanto este tirava desajeitadamente algo do manto.

Era uma moeda.

– Está a desvanecer – disse o rei, envolvendo-a com as mãos cansadas como se fosse preciosa e frágil. – Já não lhe sinto a magia. Já não a consigo cheirar.

– Uma moeda é uma moeda, Vossa Majestade.

– Não é assim, e tu bem sabes – resmungou o velho rei. – Revira os bolsos.

Kell suspirou.

– Vou meter-me em apuros

– Vá, vá – insistiu o rei. – É um segredo nosso.

Kell mergulhou a mão no bolso. Da primeira vez que visitara o rei de Inglaterra, dera-lhe uma moeda como prova de quem era e de onde vinha. A história acerca das outras Londres era confiada à coroa e passada de herdeiro em herdeiro, mas há anos que um viajante ali ia. O rei George deparara-se com um rapazito frágil, olhara-o de soslaio e esticara-lhe a mão grossa; Kell pousara-lhe a moeda na palma. Era um simples lin, muito parecido com o xelim cinzento, mas com uma estrela vermelha ao invés do semblante real. O rei fechara o punho e levava-o ao nariz, inalando aquele aroma. Depois, sorrira, guardara a moeda no casaco e convidara Kell a entrar.

Desde então, sempre que Kell o visitava, o rei insistia que a moeda perdera a magia e pedia-lhe que a trocasse por outra, nova e quentinha. Kell insistia sempre que era proibido (e era-o, expressamente) e o rei

retorquia sempre que aquilo seria o seu o segredo. Kell suspirava, retirando do casaco um novo pedaço de metal.

Agora, retirava o velho lin da palma do rei e substituía-o por um novo, dobrando gentilmente os dedos rugosos de George num punho.

– Sim, sim – arrulhou o monarca enfermo para a moeda que lhe repousava na mão.

– Trate bem de si – disse Kell, girando sobre os calcanhares.

– Sim, sim – retorquiu o rei, imergindo nos seus pensamentos até ficar perdido para o mundo e para o seu convidado.

No canto do quarto, as cortinas juntavam-se. Kell afastou o tecido pesado, expondo uma marca no papel de parede estampado. Um simples círculo, dividido ao meio por uma linha, desenhada a sangue um mês antes. Uma outra parede, num outro quarto, num outro palácio, ostentava aquela mesma marca. Eram os puxadores dos dois lados de uma mesma porta.

O sangue de Kell, quando aliado à insígnia, permitia-lhe mover-se *entre* mundos. Não precisava de especificar um lugar porque, estivesse onde estivesse, era nesse mesmo lugar que iria parar. Mas, para criar uma porta *dentro* de um mundo, ambos os lados tinham de estar marcados com exatamente o mesmo símbolo.

Quase igual não era suficiente. Kell descobrira-o da pior maneira.

O símbolo na parede ainda estava nítido da sua última visita, as orlas tão-só ligeiramente manchadas, mas isso pouco importava. Tinha de ser refeito.

Arregaçou a manga e tirou a faca que trazia presa à parte de dentro do antebraço. Era um objeto belo, aquela faca, uma obra de arte, prateada da ponta ao cabo e com as letras *K* e *L* em monograma.

A única lembrança de uma vida passada. Uma vida que desconhecia. Ou da qual, pelo menos, não se lembrava.

Kell levou a lâmina às costas do antebraço. Já cortara uma linha naquele mesmo dia, para a porta que o trouxera até ali. Agora, talhou uma segunda. O sangue, de um vermelho-rubi vivo, corria. Guardou a faca na bainha, tocou com os dedos no corte e, depois, na parede, redenhando o círculo e a linha que o atravessava. Tapou a ferida com a manga (trataria dos cortes mal regressasse a casa) e voltou a deitar um



olhar para trás, para o rei balbuciante, antes de pressionar a palma da mão aberta de encontro à marca na parede.

Zunia com magia.

– *As Tascen* – disse. – *Transferir*.

O papel estampado ondulou, amoleceu e cedeu ante o toque de Kell, que deu um passo em frente e o atravessou.